



Vai ser lançado choco made in Ualg

08-04-13

A Universidade do Algarve (UAlg) quer lançar no mercado choco produzido em cativeiro no espaço de cinco anos, ao abrigo de um projeto pioneiro na Europa, disse hoje à Lusa o investigador José Pedro Andrade.

Ao contrário de outras espécies tradicionalmente cultivadas em aquacultura, como o robalo ou a dourada, quanto mais pequeno for o choco maior valor comercial tem, já que os "choquinhos", típicos da gastronomia algarvia, são um petisco muito apreciado.

Segundo aquele responsável, a Estação do Ramalhete, em Faro, onde decorrem os ensaios, é atualmente o único laboratório a nível europeu a apostar no choco como uma nova espécie para cultivo, de forma intensiva.

A produção de choco em cativeiro tem a vantagem de evitar que os pequenos espécimes sejam capturados ilegalmente, contribuindo assim também para a conservação da espécie, explicou o investigador.

De acordo com José Pedro Andrade, os "choquinhos" capturados em meio natural muitas vezes ainda nem atingiram os quatro meses de idade, o que significa que não tiveram tempo para se reproduzir, uma vez que o seu ciclo de vida é de cerca de um ano.

"Uma das limitações do choco é que é uma espécie que se reproduz e morre, toda a sua energia é canalizada para a reprodução, o que limita o manancial de reprodutores", referiu.

Contudo, segundo o investigador, não existem praticamente estudos sobre a avaliação da quantidade desta espécie no meio selvagem, o que dificulta o conhecimento sobre o seu estado atual de conservação.

A concretização do projeto, que está a ser desenvolvido desde os finais da década de 1990, é dificultada pela falta de tecnologia para a produção da espécie em cativeiro, uma vez que se trata de uma experiência piloto.

Nesta fase, os investigadores estão a tentar encontrar rações artificiais para alimentar os chocos, depois de terem feito a caracterização zootécnica da espécie e encontrado as condições de cultivo ideais.

José Pedro Andrade frisou, contudo, que a produção de choco em aquacultura será sempre um complemento às outras espécies, uma vez que a sua baixa fecundidade nunca permitirá produzir grandes quantidades.

O projeto, do grupo de Biologia Pesqueira e Hidroecologia do Centro de Ciências do Mar da UAlg, é financiado pela Fundação para a Ciência e Tecnologia.

Algarve Primeiro/Lusa 